

EXPANSÃO



www.expansao.sapo.ao

Sexta-feira, 26 de Abril 2013 | Número 214 | Directora Executiva Nilza Rodrigues | Subdirector António Nogueira | Preço 500 Kz

Importações
Rosa Pacavira anuncia
tabelas para análises P48



Opinião
Alves da Rocha
Martin Wolf

CEO Experience
Gestores debatem capital
humano em Maputo P40



EMPRÉSTIMOS NA BANCA

Crédito malparado mais do que duplicou em 2012 P2

NO SECTOR DA SAÚDE

Huíla tem 70% de mão-de-obra estrangeira

A região carece de mão-de-obra nacional em todos os sectores, recorrendo para o efeito ao auxílio da cooperação estrangeira, revela o governador João Marcelino Tyippinge. P38

César Magalhães

ENTREVISTA A TONI VANHALA

“As empresas angolanas devem conquistar o mercado nórdico” P30



Edson Chagas

EM 2013
Universal prevê duplicar facturação de 10 milhões USD P16

PROJEÇÕES
FMI revê em alta crescimento de Angola para 6,2% P15

AUTOMÓVEL
Vecauto estima crescer mais 75% até ao final do ano P12

Programa Angola Investe

Queremos ver Angola crescer.

- Micro, pequenas e médias empresas certificadas pelo INAPEM
- Juros bonificados com taxa máxima de 5%
- Acesso ao Fundo de Garantia até 70% do Crédito

O BFA acompanha o desenvolvimento de Angola e quer ver a economia angolana a crescer. Por isso aderiu ao Programa Angola Investe, um programa de apoio à expansão e internacionalização das empresas angolanas e nórdicas. Este programa, com uma linha de crédito a 5% de juro, permite financiar projetos de investimento e de expansão de negócios em Angola e no exterior. Aprenda a ser empresário em Angola e no mundo.

Para mais informações visite o site www.bfa.gov.ao

BFA

www.nossaseguros.ao

Nova marca, nova atitude com inovação.

Investimos na sua segurança.

PUB

ENTREVISTA

Toni Vanhala

“Independência económica do petróleo passa pelo fomento das PME”

O director de relações internacionais da região de Kymenlaakso, na Finlândia, que esteve recentemente de visita a Angola, falou ao Expansão dos caminhos que o País deve seguir para a tão pretendida diversificação da economia e das vantagens mútuas que poderão resultar do incremento das relações comerciais entre os dois Estados.

Texto **FRANCISCO DE ANDRADE**
Fotos **EDSON CHAGAS**

Qual é o objectivo da sua vinda a Angola?

Primeiro, ter uma visão mais clara e objectiva do que é Angola. Depois, para identificar futuros integrantes angolanos da Plataforma de Cooperação do Mundo que fala português, Mundo Nórdico e Russo (CP-PSW-NRW), assim como identificar potenciais investidores de *private equity* (fundos de investimentos de risco) para projectos de investimento em Angola e Kymenlaakso, na Finlândia.

Que países de língua portuguesa estão já enquadrados na CP-PSW-NRW?

Isto foi assinado em 7 de Novembro de 2012, nos Açores (Portugal), e começou por ter o governo regional dos Açores, a Câmara de Comércio de Angra do Heroísmo, a Câmara da Praia da Vitória e a Associação Empresarial de Leiria e o cursor na Finlândia como membros iniciais. Entretanto, quando eles assinaram este projecto, a ideia era que esta plataforma viesse a cobrir outros países e, portanto, estamos a trabalhar no sentido de termos Angola, o Brasil, a Guiné, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Timor dentro da CP-PSW-NRW.

Actualmente, que avaliação se pode fazer da relação entre Angola e a Finlândia?

Eu penso que as relações estão cada vez mais interessantes, porque em 2011 estive em Angola uma delegação de alto nível finlandesa e, em 2010, esteve também uma missão empresarial de Angola, liderada na altura pelo actual secretário

de Estado da Indústria, Kiala Gabriel, e agora, com a minha vinda aqui, espera-se que se imprima um novo ritmo de relacionamento entre os dois países, mais concretamente entre a região de Kymenlaakso e Angola.

Mas existe já algum intercâmbio comercial entre os dois países, ainda que em pouca escala?

Sim, existem já relações comerciais entre a Finlândia e Angola, mas a ideia é melhorá-la no sentido de inverter a realidade, que se consubstancia actualmente num maior volume de exportações da Finlândia para Angola e muita pouca exportação de Angola para a Finlândia. A ideia é pensar-se num processo de ajudar as empresas angolanas também a começarem a estar presentes e conquistarem os mercados nórdicos e russo.

Dizer que o intercâmbio vem já de longa data, só que com números bastante reduzidos. Estamos a falar de números que rondam entre os 30 e os 40 milhões de euros anuais.

Quer dizer que a balança comercial tem pendido mais a favor da Finlândia...

Sim. Em termos de exportações, a Finlândia exporta mais para Angola.

O que é que, essencialmente, a Finlândia exporta para o nosso País, sendo que pressuponho que as poucas exportações de Angola para Finlândia se resumem ao petróleo?

Basicamente, o que vem da Finlândia para Angola são equipamentos diversos, maquinarias e algum material informático. Por exemplo, aqui nas áreas das comunicações móveis existem fornecedores finlandeses. E com relação às exportações de Angola, o se-

nhor jornalista acertou: são maioritariamente petróleo e, em muitos casos, os seus derivados.

Existe o interesse de empresários finlandeses em investir em Angola?

Bem, eu não represento empresas. Eu represento uma região, precisamente a de Kymenlaakso. Mas a ideia da cooperação também passa por aí. Ao se abrir a cooperação, certamente que os negócios vão florescer. Portanto, isto é o início de algo que pode vir a ser muito grande. Nós queremos promover o desenvolvimento da região de Kymenlaakso e já chegámos à conclusão de que tal só será possível promovendo as outras partes com que nos relacionamos. Por este facto, é importante vir a Angola, pois pode haver o interesse de empresas finlandesas, ligadas à indústria das florestas, em investir em Angola.

Nesta relação que se pretende incrementar, que sectores acha serem prioritários e com vantagens recíprocas?

A ideia é efectivamente construir uma plataforma de cooperação para os mais diversos domínios. Assim, ao criar-se a plataforma, os homens de negócios vão começar a utilizá-la, e uma das áreas que eu penso que pode ser prioritária é a ligada a florestas, energias renováveis e alternativas, petróleo, informática, assim como a agricultura. Penso serem estes os sectores que terão prioridade, no âmbito desta plataforma.

Que visão o senhor tem sobre as oportunidades de negócios que Angola oferece?

Numa primeira apreciação, penso que há aqui áreas que são muito interessantes. Por

exemplo, a área das infra-estruturas é uma em que a Finlândia pode contribuir de forma muito interessante. Outra é a área da logística, onde nós temos uma vasta experiência. Temos também a área das obras públicas, onde podemos também ser um parceiro importante.

“O intercâmbio vem já de longa data, só que com números bastante reduzidos. Estamos a falar de números que rondam entre os 30 e os 40 milhões de Euros anuais”

Em África, que países mantêm relações com a Finlândia e merecem destaque?

Em termos de turismo, é muito comum os finlandeses irem passar férias ao Egipto e à Tunísia. Em termos comerciais, a África do Sul é sem dúvidas um parceiro forte, e existe também uma relação de muita proximidade com a Namíbia, que tem uma cooperação comercial considerável com a Finlândia. Vale dizer ainda que, no passado, a Finlândia costumava ter uma política de ajuda muito forte a vários países em África. Agora chegámos à conclusão de que a melhor maneira de ajudar os países africanos é através das relações comerciais. Por este facto primamos por apoiar cada vez mais o relacionamento comercial, porque, este, sim, é que faz prosperar os países.

Do ponto de vista estratégico, o que é que Angola pode representar para aquilo que são os interesses da Finlândia em África?

Acredito que o papel da plataforma vai ser muito importante para definir o futuro das relações finlandesas com África. E nós já começámos com o sector educacional, com a assinatura de um acordo com o Colégio Castanheiro de Portugal. Em Setembro, eles irão à Finlândia para rubricarem um outro acordo com uma escola da Rússia, e, como o proprietário do colégio está com ideias de trazer também para Angola este colégio, a coisa já começa a mexer, tudo por intermédio da CP-PSW-NRW.

Um dos grandes desafios de momento do Governo angolano é diversificar a economia, fazendo com que ela dependa cada vez menos do petróleo. A seu ver, que vias deviam ser seguidas para que este processo ocorra de forma mais célere e exitosa? Será que a Finlândia pode jogar também um importante papel no apoio à diversificação da economia angolana?

Uma das coisas que nós temos na Finlândia e que fazem com que a economia funcione é a educação, que é acessível a toda a população. E com toda a gente a ter acesso à educação criam-se as pequenas e médias empresas, através das quais se pode pensar em sair do petróleo. Momento um: toda a gente ter acesso à educação e, momento dois, toda a gente ter o espírito empreendedor e empresarial para criar empresas e sempre numa lógica de pequenas e médias empresas, porque são elas as geradoras de emprego. Portanto, Angola deverá ter, e se calhar até tem, maior atenção na educação.



ENTREVISTA

Toni Vanhala

“Uma das coisas que nós temos na Finlândia e que fazem com que a economia funcione é a educação, que é acessível a toda a população. E com toda a gente a ter acesso à educação criam-se as pequenas e médias empresas, através das quais se pode pensar em sair do petróleo

“A ideia é pensar-se num processo de ajudar as empresas angolanas a conquistarem os mercados nórdicos e russo”

O sector bancário angolano tem sido o que maior crescimento vem registando, nos últimos tempos. Qual é a realidade da banca finlandesa?
O sistema bancário finlandês é muito forte. Por isso temos a notação AAA das agências de risco, uma classificação detida apenas por 4 dos 27 países da Europa. Temos bancos muito grandes, bancos regionais e existem também aqueles mais pequenos. Temos ainda bancos transnacionais, que se fundiram com instituições bancárias norueguesas, dinamarquesas e suecas.

Voltando à questão da Plataforma de Cooperação entre o Mundo que se expressa em Português e os Mundos Nórdico e Russo, qual deve ser o perfil dos membros?

Podem ser membros associados todas as entidades públicas e/ou privadas, assim como as que sejam convidadas ou se candidatem a associar-se à CP-PSW-NRW, desde que demonstrem capacidade de complementar iniciativas e acções no âmbito deste protocolo. Dizer também que os membros associados devem ser oriundos de países ou regiões como Açores, Angola, Brasil, Cabo Verde, Dinamarca, Timor-Leste, Guiné Equatorial, Finlândia, Goa, Guiné-Bissau, Islândia, Macau, Moçambique, Noruega, Portugal, Rússia, São Tomé e Príncipe e Suécia.

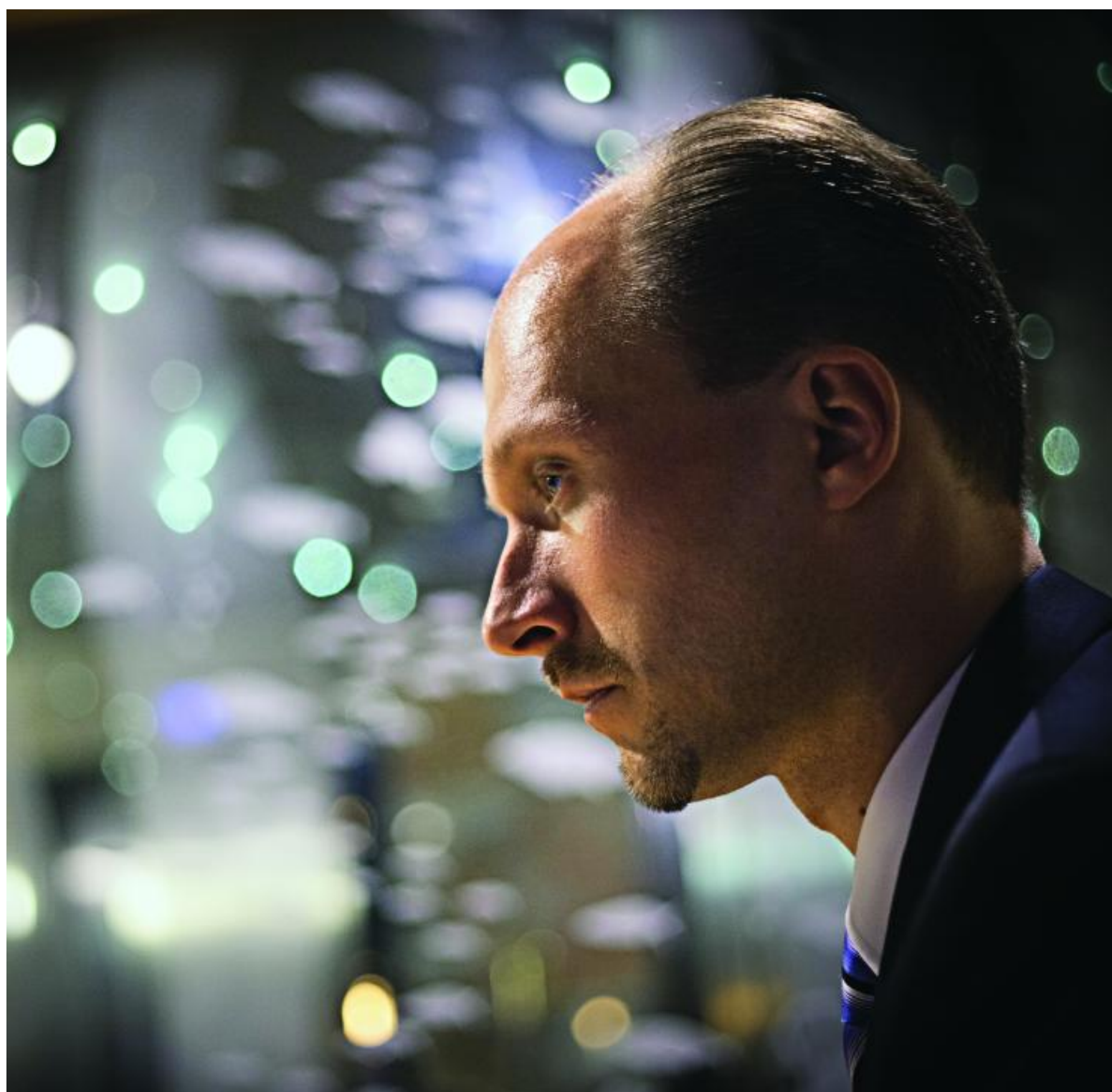
Quantos associados cada país pode ter?

O número de membros associados de cada região ou país está limitado ao consenso dos signatários do protocolo. Entretanto, os membros devem comprometer-se a materializar iniciativas concretas de implementação, onde as pequenas e médias empresas, bem



Um político com visão comercial

Licenciado em ciências políticas pela Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg da Finlândia, Toni Vanhala, de 38 anos de idade, exerceu já, entre outras funções, as de assistente ao parlamento finlandês (2000-2006), assistente ao Parlamento Europeu (2001-2006) e a de conselheiro sénior da região de Kymenlaakso (2006-2011). Natural da Finlândia, actualmente, Vanhala desempenha as funções de director das relações internacionais da região de Kymenlaakso.



como outras organizações, contribuam para o aumento do investimento directo externo, das exportações, da transferência de tecnologia e dos financiamentos nas regiões da sua área de influência. Cada membro desta plataforma compromete-se a dinamizar contactos e acções, providenciando os meios logísticos ne-

cessários à sua concretização.

A plataforma terá membros de diferentes pontos do mundo. Como se processará o relacionamento entre os mesmos?

O relacionamento entre os membros será, maioritariamente, por via electrónica, concretamente através de uma pla-

taforma digital específica a ser criada para o efeito, tendo o inglês como língua de uso comum. Sempre que necessário, os membros disponibilizarão, numa base regular ou pontual, às PME ou organizações das áreas de influência de outros membros, instalações equipadas com os meios necessários e adequados à realização de reuniões.